

ECOS DE CACIA

REDACTOR (Em Lisboa)
Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Fermentelos, Eixo, Q. do Gato, Bonsucesso, Esgueira, Matadugos, Avanca, Estarreja, Canelas e Angeja.

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

Redactor principal: A. NUNES DA SILVA

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton.

ASSINATURA		Proprietário-Director e Administrador	Redactor e Editor	REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Ano, série de 50 números	20\$00	José Marques Damião	Abilio de Carvalho	Rua da Paz-- QUINTÃ DE LOUREIRO
Semestre, série de 25 números	10\$00	Filiado no SINDICATO DA P. IMPRENSA	MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO	(CACIA)
Estrangeiro, ano 50 números	50\$00	E I. REGIONAL	DE TODAS AS TERRAS DA REGIAO	Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo
Brazil e Colonias	30\$00			

A ESFINGE, falou!...

O sr. Samuel sempre veio a público dizer alguma coisa... para não estar calado, o que seria preferível, a vir, como veio, pretendendo fazer espirito com o meu nome, apenas,—que não com as minhas acções.

O meu nome, sr. Samuel, é portuguezissimo e bem sonante; é Perfeito, e basta.

Não foi importado dos turcos como o que lhe deram a si. Você confunde-me com essa gentileza, querendo-me elevar, de Pinto para... frango! Eu não quero que me aumentem nem que me diminuam, como dizia o «Nicolau Braz Rachado» quando você era «Teodorico Burromeu».

Concordo com a minha imperfeição de «miolo» ou cérebro, pois no cérebro está o intellecto da creatura, e eu não sou nem pretendo ser um intellecto! Mas ainda assim, tenho para me conduzir na sociedade de cara alevantada, e para escrever o que assino, enquanto que você assinou essa prosa de repugnante cinismo que encomendou — e por certo não leu — a esse *preponderante* sr. Oliveira Santos que só o foi agora para vender os *tarecos* e dividir a massa a seu bel-prazer.

Foi muito infeliz e inoportuno com a sua prosa ignóbil sr. Samuel! Diga agora que o José Maria Portela e o José Cordeiro de Jesús também são meus mandados!...

Então ninguém nos convidou para entrar no grupo? Como vocês têm o miolo avariado!... Vocês nem se lembram como o Grupo passou a chamar-se de «Dramático Caciense» para «Dramático União Caciense»!

Foi a 14 de Março de 1926, 1.º aniversário dum aleijado, que, realizando-se um espectáculo em homenagem do mesmo, a pedido de um dos «sete» que ostentam os tais aneis surripados, foram rogados para entrar num número «apoteose» (sic) quasi todos os elementos n.º fundadores como sejam: Zeferino Gomes da Costa e seu irmão José Maria, meu cunhado João Francisco Corujo, Tomás Rodrigues, José Cordeiro de Jesús e outros cujos nomes me não ocorrem, e ainda minha mulher, Maria da Conceição Corujo e outras meninas também. Eu, que fora convidado pelo Santos para tomar parte na comédia «Não é o mel!», vim para Espinho (4-3-926) ainda os ensaios não tinham começado, tomando conta da rábula que me fora destinada o José Cordeiro de Jesús; e eu, mais o Joaquim Lourenço, também ao tempo em Espinho, levámos o episódio dramático

(Continua na 2.ª página)

João Afonso Fernandes

O que foi o funeral deste saudoso conterrâneo — Breves e pálidas referências à sua exemplar vida de cidadão e sincero republicano

Faleceu, como noticiei no último número deste jornal, no dia 16 pp., o sr. João Afonso Fernandes.

Pela muita consideração que me merecia o saudoso extinto, tracei, quasi à hora de fechar este semanário, duas breves palavras em homenagem à sua memória que perdura na mente de todos quantos conheceram de perto Afonso Fernandes.

A instrução popular fica-lhe devendo alguma coisa. O excelente amigo, sr. Laurentino Afonso Fernandes, sobrinho do chorado quintaneiro, numa gentileza que muito me desvaneceu poz diante de meus olhos o documento que passo a transcrever:

Ill. mos e Ex. mos Sr. s: Tendes tido para nós tantas provas d'afecto, tantas provas d'amor pela instrução d'este povo, que nós, alumnos da Escola Nocturna da freguesia de Cacia, seríamos taxados de ingratos se não viessemos agradecer-vos os favores recebidos. Apetecemos de-vos as mais belas prosperidades, somos com muita estima e gratidão:

Cacia, 18 de Março de 1908.
(aa) Anselmo Figueiredo d'Almeida (alumno n.º 1), Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho, Eduardo Figueiredo, Cazimiro Euzebio Pereira, Manuel Christo, Manuel Pereira da Silva, Antonio Pereira da Silva, João Tavares, José Tavares, Manuel Simões Dias Quintaneiro, Manuel José da Silva, Antonio Matos, Manuel Rodrigues dos Santos, Joaquim Nunes de Moura, Manuel Maria Dias Pereira, Manuel Rodrigues de Miranda, Francisco Ventura da Silva, João Rodrigues Sapateirinho, João Rodrigues dos Santos, Antonio Rodrigues da Cunha, Manuel Rodrigues Crespo, Manuel Pereira da Silva.

Não são igualmente desconhecidos os esforços que empregou em prol da criação da Escola Móvel que, tornou mais tarde possível a fundação da Escola Primária da Quintã de Loureiro.



Honrou sobremaneira o nome da sua terra nas plagas brazileiras quer ajudando os seus bons compatriotas a erguerem as várias casas de beneficência que a colónia portuguesa lá sustenta, quer fazendo-se rodear do prestigio que o levou a ocupar alguns cargos de destaque e merecimento.

Rèpublicano fervoroso, A. Fernandes, trabalhou pela divulgação da idéa republicana com o máximo desinteresse, abstendo-se por completo das lutas que distanciam os políticos de aldeia.

Se êle era um republicano convicto e sincero, ique lhe importavam as glórias que apenas interessam aos caciques que delas vivem porque à sombra das mesmas vão colher os votos que são as migalhas do seu pão!?

Era republicano por convicção, e tanto bastava para o impôr à consideração de todos. Modesto e concentrado, inimigo figadal da ostentação e da vaidade, era um exemplo vivo de humildade.

Retraia-se quando a petulância lhe passava à frente na colheita dos louros que a êle pertencia. Admirei sempre

muito um carácter assim porque também assim sou.

Em rápida e fugaz conversa com seu dedicado sobrinho, sr. Laurentino Afonso Fernandes, tive conhecimento de que fora João Afonso Fernandes quem deu os primeiros passos para a construção dos Lavadouros Públicos da Quintã, para o que debolsara algumas quantias que nunca mais reheveu.

No entanto, nunca ninguém falou em Afonso Fernandes como iniciador desse melhoramento de utilidade pública.

Era assim; recolhia-se ao silêncio quando via que os soberbos necessitavam do seu prestigio e seu nome. Era um cofre de segredos, o saudoso João Afonso Fernandes.

Foi presidente da primeira Comissão Administrativa republicana de Aveiro, não tendo depois disso aceitado qualquer cargo público.

No entanto, os seus sentimentos patrióticos não deixaram de se patentear sempre que a oportunidade o exigia, como são belos exemplos os serviços prestados ao país a quando a compra de aeroplanos por subscrição pública (1913).

Falar, como me cumpria, de João Afonso Fernandes, é para mim tarefa espinhosa já porque luto com falta de tempo e espaço já porque o pranteado morto era avesso a exibicionismos e reclames, e, por ta! razão, os seus serviços à causa pública, serem pouco conhecidos.

O seu funeral realizou-se no dia 17, sendo para salientar o número e qualidade das pessoas que nele se incorporaram conforme noticia que dou na segunda página.

Meus sentidos pêsames à familia enlutada.

RAUL CONDE.

Ao correr da pena...

ESTRADAS

A instâncias da Comissão Administrativa da freguesia de Cacia, foi concedida pela Junta Autónoma das Estradas a verba de 10.000\$00 para completar as reparações que se tem vindo fazendo na estrada que liga o Apeadeiro de Cacia com a povoação de Vilarinho.

LUZ ELECTRICA EM ANGEJA

Consta-se que em Março deve ser inaugurada, na vizinha vila de Angeja, a luz electrica.

Para tanto trabalham com denodo algumas figuras de grande destaque naquela terra, tendo já oferecido a respectiva planta o sr. Eduardo Souto, distincto engenheiro agrónomo.

Raúl Conde.

SOMA E SEGUE

FORA, os vendilhões!

Vamos a essas contas, como muito bem clama o meu amigo Zeferino Gomes da Costa... Porque eu não acredito que fôsse tudo alienação! Ou os senhores julgam que isso afetar a vossa consciencia, assim como *escuro* foi esse negocio, porque os senhores venderam o que não era vosso!

Então o Eduardo Martins também não foi «fundador»? E o «Fernandinho» que fez que se compare com o trabalho de João Corujo no «Amor Louco» e «Simplicio Castanha & C.ª».

Lembram-se do «Não é o mel»? Pois entre os contemplados há alguém, que, por um capricho pueril, se recusou terminantemente a tomar parte num espectáculo *rèprise* dessa comédia, de grande successo na primeira e única vez que subiu à cena, cujo espectáculo, por isso mesmo, se não veio a realizar. Sendo uma figura feminina, a visada pretendia, talvez, dar um golpe de morte no grupo, porque se julgava «única». Mas apareceu outra que serviu o grupo — ou os «donos»! — dedicadamente, tomando parte em cinco ou seis espectáculos, e foi esquecida, bem como várias pessoas de sua familia. E o Almançor?

Lembra-se, Marques Pereira, do «seu filho», quando você era «General Castro»? Que papelão!... Houve alguém — o seu chefe, grand! «amigo» do

A ESFINGE, FALOU!...

(Continuação da 1.ª página)

em verso, num acto, «A corôa de rosas», ensaiado em Espinho, e não com o ensino dos *preponderantes*.

Então não fomos convidados? Não foi desta fusão (Grupo Dramático com alguns elementos que a esse tempo procuravam organizar, em Cacia, um grupo de «foot-ball», idéa que *morreu* por não se ter arranjado um campo de jogos) que saiu o Grupo Dramático União Caciense?...

Então não é verdade vocês andarem de chapeusinho na mão a pedir às sr.ªs Conceição Maia para deixar a sua enteada, agora minha mulher, continuar a fazer parte do Grupo, na interpretação do papel feminino do drama «Amor Louco»? Não é verdade vocês terem que entregar ao Grupo de Eixo os cascos velhos que de lá vieram, e eu e o J. Lourenço encarregar-mo-nos de mandar fazer cenários novos em Espinho, para o que aí fui com o cenógrafo des-

ta praia, sr. Américo Moreira, a quem vocês disseram querer um pano de boca com uma vista do Apeadeiro e respectiva «Albarda do Burro»?

Bem sei que não foi ao agrado de todos a resolução de se fazer bancos novos e ainda depois cenários e pano de boca, pois já nesse tempo vocês queriam apenas... que o monte da massa crescesse para, em qualquer altura, o dividir entre vós como se ele fosse o producto do vosso trabalho apenas, transformados — que triste irrisão! — o Samuel (ferreiro) e os restantes seis em empresários de companhias de *triató* com a agravante de não pagarem aos actores!

Por isso regatearam o preço, dos cenários, exigindo, como caloteiros, um abatimento de 100\$00 ao artista, que não só os pintou como per eu 4 dias em Cacia a tirar fotografias de aspectos locais, e depois, na montagem dos cenários, para o que fez toda a carpintaria de cena. Esse abatimento foi feito sabem como? Eu e o Joaquim Lourenço demos ao artista 25\$ cada um, e ele, a instâncias nossas abateu 50\$ que preferiram os 100\$ exigidos pelos caloteiros. Sabem como foi feito, o pagamento? Abonando eu o dinheiro que faltava ao grupo, mais o Joaquim Lourenço, e que orçava por duzentos os trescentos e tal escudos, em que o Grupo ficou empenhado. Mas eu promovi, organizei e ensaiei espectáculos, escrevi a revista que igualmente ensaiei e representei com alguns de vocês e outros mais elementos do Grupo e algumas gentis meninas que conosco colaboraram a meu pedido, e o Grupo ficou desempenhado e com *massa* bastante para pagar a renda em atrazo ao dono do casarão e remover os *cacos* para Sarrazola e ainda ficar uns restos em caixa, que vocês sete agora espatifaram!

Com que cinismo, você Samuel, diz que o povo de Cacia não tem nada com esta questão! Então nunca pediram nada ao povo? Que o digam, entre outros, o sr. Manuel Nunes Teixeira, da rua Vasco da Gama e Manuel Domingues da Fonseca, da rua 31 de Janeiro, que cederam, a pedido do Grupo, as cadeiras precisas para as primeiras «representadelas»!

Então o povo não tem nada com isso? Vocês sete, serão tam parvos que julgai-vos capazes de *representar a sério* por forma a merecerdes a honra de ser *ouvidos* por algumas pessoas instruídas da terra que ilustravam a *plateia* do nosso teatro? Não compreendeis que se muitos iam lá era para ajudar a criar-se o Grupo! Se essa boa gente pensasse que vocês andavam com o *olho* na *massa*, vós acreditais que ela vos daria a honra da sua presença?

Tambem não tem nada com isso o sr. Nunes Ferreira, que, na segunda-feira 21 de Fevereiro de 1927, após o segundo espectáculo da revista «Cacia, de relance» mandou, para o Grupo, 100\$?!
Peço a este senhor que diga da sua justiça, nestas colunas.

O nosso querido povo não tem nada com isso?! Nesss casos vocês *nunca* (sempre) pediram ao povo para comprar os bilhetes?
(Continua)

Manuel Pinto Perfeito.

CANTINHO DOS TRÊS

GONTRASTES

(Com um abraço aos meus inseparáveis amigos, Manuel Salgado Marques e Manuel Afonso da Costa.)

*Tudo passa de fugida,
Neste mundo, onde os esforços
Vão redobrando de acção;
Que ha quem chegue ao fim da vida
Curtindo fundos remorsos
Por ter sido ladrão!...*

*Este é banqueiro afamado,
Que pretende dar nas vistas
E que mais nada o consome;
Aquele foi sempre honrado,
É dos mais belos artistas
Mas anda a morrer de fome!*

*Este é rico e não tem filhos,
Que os filhos uão dão prazer
A certa gente de bem...
Aquele tem duros trilhos,
Mas é capaz de morrer
Pelos filhinhos que tem!*

*Esta é rica... Em frases ledas
Diz-se a mais casta donzela,
Mas a honra... onde ela vai!
Aquele não traça sedas,
Mas os garotitos dela
São todos do mesmo pai!...*

*Desta já tudo se viu,
E por ser rica é capaz
De ser tudo o que há de imundo;
Aquele é pobre e tem brio,
Nunca serviu de cartaz
As profanações do mundo!...*

*Enquanto este, qualquer dia,
Tem capela por abrigo,
Após vida sem martírios,
Desce aquêlo à campã fria,
E em vez do pús do jazigo
Tem a brancura dos lírios!*

*Enquanto este morre a custo,
Clamando todo o remédio
Entre as injúrias que solta,
Morre aquêlo como um Justo,
Sem uma sombra de tédio
Nem um grito de revolta!...*

CARLOS CONDE.

gueira (já falecidos). Contava 71 anos de idade e era natural da Quintã de Loureiro. Deixa viuva a ex.ª sr.ª D. Augusta Nunes da Silva, filha de Luiz Nunes Freire e de D. Maria Nunes da Silva (já falecidos), e irmã do sr. tenente-coronel Alberto Nunes Freire Quaresma, revolucionário de 5 de Outubro. O feretro foi conduzido numa carreta dos Bombeiros Voluntários de Azeiro de que o extinto era sócio, sendo coberto pela bandeira desta humanitária associação e pelo pendão nacional.

ECOS DA SOCIEDADE

ANOS

Completo, no dia 25 do corrente, 20 risonhas primaveras

a simpática menina Maria Rodrigues da Cunha e Costa, filha do grande lavrador e nosso assinante sr. João Costa.

— Completou 17 primaveras no dia 17 do corrente a simpática menina Maria Rodrigues da Costa Bela, filha do nosso bom amigo e assinante sr. Agostinho Rodrigues da Bela.

CASAMENTOS

Está para breve o casamento do nosso bom amigo e assinante sr. José Maria de Azevedo, industrial em Torres Vedras, com a menina Maria Simões Miranda sobrinha do nosso amigo e assinante, sr. José Simões Miranda.

— Deve ter lugar no dia 8 do proximo mez o casamento do nosso bom amigo e assinante sr. Manuel Gonçalves Junior, da Quintã do Gato com a simpática menina Maria da Luz Nunes Quinta, filha do sr. Benjamin Ventura da Rocha Salgueiro, da Quintã de Loureiro.

— Tambem está para breve o casamento do nosso bom amigo e assinante sr. José Maria Pe-

Po s, senhores... foi ouvido um irmão do contemplado, meu amigo Joaquim Lourenço, e que o representara no negócio sem autorização do mesmo, entregando-lhe depois a «recordação do festim», em Lisboa, que elle recebeu surpreso, como me diz numa carta que há dias me escreveu, justificando-se, na parte que lhe diz respeito. Refiro-me a esta carta para provar que tinha razão quando afirmei que nem todos eram coniventes no crime de lesa-Cacia.

Entre as pessoas que prestaram o seu concurso à obra do G. D. conta-se o sr. Pinto Júnior, dig.º professor oficial que por lapso deixei de mencionar no meu primeiro arrazoado. Estas e outras dedicações foram esquecidas porque a «pasta» não chegava para todos.

Pois, senhores: O povo tambem precisa de saber o que foi feito do seu dinheiro. Seu, sim, porque pagava honradamente e por preços exagerados, os seus bilhetes para... se sentar, muitas vezes, em casqueiras! E o povo fazia de bom agrado esse sacrificio para que não morresse o... «pauco» que possuíamos, euquanto que nós — para que não confessá-lo? — lá iamõs muitas vezes por vaidade!...

Esse dinheiro é do povo; e, por isso ao povo deve ser dado.

Espinho, Out.º de 1931.
Manuel Pinto Perfeito.

João Afonso Fernandes

Como em outro lugar se diz, foi muito concorrido o funeral deste eminente reputado.

Foram organizados 10 turnos, desde a sua residência ao cemitério, a saber:

1.º — Manuel Esteves da Silva, Manuel Caetano Valente, António Osório e João Ferreira.

2.º — Capitão Antonio Rodrigues Moraes, Antonio A. Cardete, João Dias Quaresma, Alfredo Osório.

3.º — Dr. José Barata, prof. do Liceu, Antonio Vilar, industrial, Manuel Rodrigues Calafate, proprietário, Domingos Reis, farmacêutico.

4.º — Manuel Rodrigues Lourenço, Manuel Rodrigues Carvalho, Manuel Simões Garrelo, Manuel Augusto de Oliveira.

5.º — Delfim Dias Pereira, Manuel Dias Marques, João Marques Batista, Antonio Marques Peça.

6.º — Francisco Matos Junior, Domingos Durão, Manuel Canelas, Antonio da Costa Ferreira.

7.º — José Marques Damião, José Dias Fernandes, Antonio Gonçalves Nunes.

8.º — Francisco Marques de Oliveira, Francisco da Costa, Manuel Antonio dos Santos, Manuel dos Santos Novo.

9.º — Laurentino Afonso Fernandes, Albano Ferreira Carraj, Artur Freire Quaresma e Antonio da Costa Junior (pessoas de família).

10.º — Laurentino Rodrigues Branco, Manuel Fernandes da Cruz, Manuel Fernandes da Cruz (filho), Eduardo da Silva.

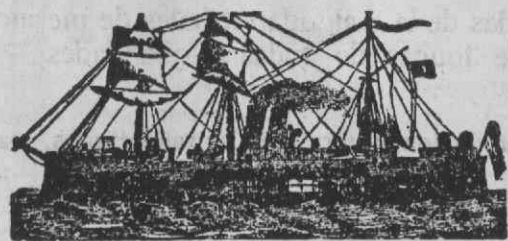
As «salvas» foram confiadas aos ex.ºs srs. Manuel Pedro Nunes da Silva e dr. Manuel das Neves.

Con luziu a «chave» o ex.º sr. Conselheiro dr. Manuel Nunes da Silva.

O extinto era filho do sr. João Afonso Fernandes e de sua esposa sr.ª Maria No-

AGENCIA COSTA

Passagens



Passaportes

Praça - Estarreja

Esta acreditada Agencia, vende passagens para Brazil, Argentina, America do Norte, França e Africa e trata de toda a documentação legal para estes portos.

Responde-se a toda a correspondencia.

Prontidão, Seriedade e Economia

Fábrica de pirolitos, gazozs e laranjadas. Grande depósito de licôres e vinhos finos. Depositários da cerveja "Portugália". Torrefação e moagem de cafés a vapor

A INDUSTRIAL
de Miguel Lages de Souza & F
Rua de Sá AVEIRO

Artur Fernandes

Lindos romances

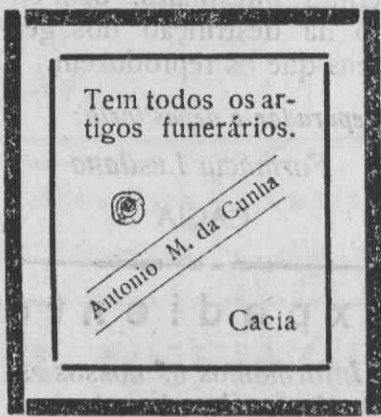
A' assinatura

Agente de Publicações

Rua do Canto — Aveiro

Preço dos géneros

Milho b. nacional (20,l)	10\$50
Trigo	23\$00
Centeio	17\$00
Feijão branco	12\$00
Feijão amarelo	13\$00
" mistura	9\$00
" laranjeiro	12\$00
" frade	8\$00
Ovos (duzia)	3\$20



BREVEMENTE serão postas à venda as capas do livro que por especial deferência do seu auctor, iniciamos no presente n.º a sua publicação.

PADARIA

Trespasa-se uma bem situada. Cosedura 90 quilos de farinha em pão pequeno, e 30 quilos de borôa. Motivo desavença na sociedade. Para tratar na mesma.

RUA DO GRAVITO AVEIRO

Todo o nosso conterrâneo residente em Lisboa que de-sejar a publicação de alguma coisa no nosso jornal queira dirigir-se ao Bêco dos Clérigos, n.º 1.

Fábrica Portuguesa de Tintas de Impressão

Escritório e Fábrica: Rua da Pasteleira, 240 (Lordelo do Ouro) — Pôrto

TINTAS TYPO — FOTOGRAFIAS E INDUSTRIAIS

"Esmalte" e "Apollo"
O melhor que se fabrica no País

ESPECIALIZADA EM TINTAS PARA Traneiras e Navios

ALVAIADES, SECANTES E FINOS VERNIZES

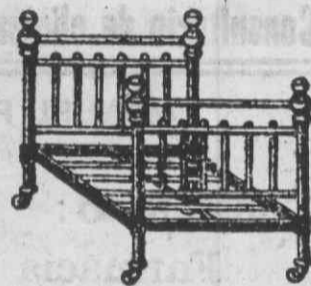
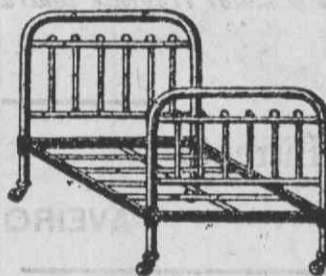
O ECOS DE CACIA é impresso com as afamadas tintas desta casa que se recomendam pela sua boa qualidade.

Fábrica de Móveis de Ferro de Avanca

— DE —

Adelino Dias da Costa

A maior produção de móveis



Móveis de ferro em todos os géneros. Os melhores preços. A maior solidéz e segurança em todos os artigos do nosso fabrico. Abastecemos os centros mais populosos.

RAÚL CONDE

L A M A

(RUMORES DE TRAGÉDIAS DISTANTES)

meluzentes velinhas, receosas e tímidas — rompem num «charlston» bravo, desconcertante. Os sons entrecrocavam-se e procuram, numa rixa infernal, suplantar uns os outros. E por sobre as cabeleiras desgrenhadas dos estranhos músicos esfusiam balas electricas que a batuta do chefe do medonho «jazz-band» desfecha para a terra como que procurando incendia-la!

E o vento buia, ao som daquela musica macabra, estonteante, num delírio de Baco entornando álcool, ora correndo veloz em demanda do terminus... do «princípio», ora peneirando num requinte sublime de bailarino, por sobre a Humanidade atemorizada!

Meu olhar esgazeado perde-se na escuridão... que, de ora em quando, se desvanece um pouco, para deixar passar um ténue relampejo que, para as bandas da Barra, um farol expede!

Todo o meu franzino corpo freme como vime açoitado pelo vento. O látego da consciência brame, cortando o imo, e, saindo dos domínios da espiritualidade, vem ao exterior onde adquire forma material para se me enroscar na cara, castigando-me severamente pela minha incompreensível inércia.

De facto, não devo permanecer no umbral dum lupanar. Revolta-se-me a alma e punge-me, acerbamente acusando-me no seu tom austero onde pressinto laivos de amôr.

Mis eu não posso ausentar-me, quebraram-se-me as forças físicas, e o alento da alma esvaiu-se ao contacto da... miséria do mundo; e, agora, já não o recupero, ante a Revolução dos Elementos! A Humanidade e o céu, de mãos dadas, vociferam imprecações, praguejam, lançam o terror no espaço, no mar e na terra!

Queria fugir do limiar do antro onde, por infelicidade minha, procurei abrigo, na inconsciência da miséria que por lá estadeia, e não posso, e não posso.

Um grito agudo, penetrante, fende o tabique do pardieiro a que se encosta o tóscico alpendre que me furta às fúrias do vendal e raspa-me a epiderme. Como uma lâmina de aço de boa tempera que, impelida por força estranha, qual imensa flecha, atravessasse o espaço, aquêlê estridente silvo partiu, ululante por um estranho fenomeno acústico, dalgum corpo, por certo, no extertôr da morte! Gelou-me a alma aquêlê grito vindo de dentro dum «curral»...

Noite tormentosa de inverno! A chuva, em fiosinhos delgados, cai abundantemente, encharcando os campos, as ruas e os caminhos enviezados da aldeia que se aninha, lá perto do rio, como que a desejar mais o frio suave das águas de nascente que as impertinentes fustigadelas da chuva teimosa.

Estamos em Novembro. A's 10 horas da noite já não se ouve qualquer voz humana a acordar os ecos adormecidos e medrosos... Tudo dorme num silêncio sepulcral que enerva os espiritos mais confiados e resolutos!

De vez em quando fende as densas trevas que envolvem tôda a terra, um jacto de deslumbrante luz, sublime e desejada se, se não lhe succedesse um inferno de latidos e de terrificantes sons...

E, assistindo ao belo-horrível que, numa louca apoteose surdia ante meu olhar atônito, por uma destas incompreensíveis e formidandas criações da Natureza, eu quedei-me extático e tomado de mórbida emotividade, no esconso aranhoso e bafiento dum alpendre aldeão.

Tudo em meu redor era lama. As tortas ruelas, transformadas em leito de torrentes, pareciam como que alargar-se para darem vasão ao mar de lama que jorrava de dezenas de afluentes — ínvias velinhas, caminhos de «passadio», veredas alcantiladas que se esgueiravam por entre montículos de saibreiras a esboroarem-se sob a acção persistente da chuva.

Corôas e urnas funerárias

Ninguém compre sem ver os baixos preços do maior e mais antigo depósito de **URNAS do districto.** Só vende **BARATO**

a Casa Leitão de Estarreja

de fazendas, chales, cazemiras, sedas, moaas, artigos de bordar, figurinos, sombrinhas, calçado, gramafones e discos, etc.

Restaurant Floresta

Este modesto restaurant tem por divisa bem servir os seus estimados clientes. E' o que mais barato vende.

Recomenda-se pelos bons vinhos brancos e tintos

E' o que apresenta sempre o melhor e mais variado peixe, e a esplêndida **CALDEIRADA**

A «Ginginha de Lisboa» tambem aqui se vende sendo

por excelencia um aperitivo estomacal e o maior reagente contra a **GRIFE**

Joaquim Simões Birrento

LARGO DA ESTAÇÃO

AVEIRO

Consultório de clinica dentária

MANUEL PEREIRA DE SOUZA

Cirurgião Dentista pela Faculdade de Medecina do Porto

Consultorio:

Farmácia Souza -- Estarreja

VERMIFUGO LAXATIVO LUSITANO

Este medicamento absolutamente inofensivo, quer em creanças, mesmo de tenra idade, quer em adultos, é d'um efeito seguro e rapido na expulsão destes vermes intestinaes, bem como na destruição dos germens que os reproduzem.

Preparador e depositário:

Farmácia Lusitana

CACIA

Expediente

Informamos os nossos estimados assinantes que a cobrança feita pelo correio acresce 1\$00.

Por esse motivo torna-se mais económico para o assinante mandar satisfazer a importância das suas assinaturas.

*

Pedimos aos srs. assinantes o favor de nos avisarem sempre que mudem de direcção.

No caso do nosso jornal não ser entregue regularmente é obséquio avisar-nos para providenciarmos nesse sentido.

Na **TIPOGRAFIA CACIENSE** executam-se todos os trabalhos concernentes à Arte Gráfica.

Manoel Correia Vidinha

COM

Fazendas de lã e algodão—Chales de merino e sêda—Miudezas e louças de todas as qualidades — Sapatos e chinelas.

Fabrica de louça vermelha, beirais, tijolos, manilhas, etc.

Praça da Republica (em frente ao chafariz—Angeja

A Z U L E J O S

Azulejos artisticos e decorativos — A maior perfeição em todos os estilos — Cópias fieis de: monumentos, assuntos históricos, paisa- : : : : : gens, fotografias, etc. : : : : :

F A B R I C A

— = DA = —

FONTE NOVA

— = DE = —

Manuel Pedro da Conceição, Filhos

(Firma registada)

AVEIRO

PORTUGAL

Premiada em diversas exposições nacionais e estrangeiras — Grande Prémio na Exposição do Rio de Janeiro de 1922

(Casa Fundada em 1882)

FARMÁCIA ALVES

Angeja

Especialidades farmaceuticas nacionais estrangeiras. Grande quantidade de produtos quimicos, tanto nacionais como estrangeiros drogas de toda a especie e principais accessorios.

Execução rapida e perfeita em todo o receituário.

No relógio da distante torre da freguesia bateram, compassadamente, as 11 horas.

O tempo foge-me, sem eu dar por isso, e, a tempestade, não dá mostras de amainar, antes recrudescer.

O espaço povôa-se de duendes, e, numa rápida mutação, surge-me transformado num enorme *ring* onde milhares de contendores sustentam uma luta de titans, luta que atinge, por momentos, o paroxismo da loucura...

Tirita já meu corpo dentro do fato em desalinho.

Se, neste instante de horrôr, uma bondosa mão humana, me premisse o pulso febril e me levasse para o aconchego dum lar, suavizasse com um *pon-pon* de arminho a minha pobre pele arrepiada, praticaria uma bela acção. Mas..., a esta alta hora da noite, decerto, não há camponez que resista ao sono que lhe quebranta as últimas forças já bem esgotadas pelo labôr esfalfante do dia que findou...

— Schiu! Talvez nem todos...

Uma voz de mulher acabou de ferir-me o ouvido.

A princípio apenas apercebi sons confusos, mas depois, passo a distinguir palavras, que, agora, já vou ligando até reconstituir frases, frases em que noto o insulto, insulto que vai tomando uma forma hedionda e que me sugere uma horrenda imagem de chacal, em plena selva, defrontando-se com a vítima em que vai a cevar seu instinto de besta.

Apresto melhor o ouvido, e um invencível estupor petrifica-me, torna-me o frágil corpo numa estátua, indiferente à chuva que pelas clareiras do velho telhado se cisca, deslizando suavemente, e em intermináveis cordões vem cair, aqui e ali, soturnamente, sobre tábuas velhas, restos de alfaias agrícolas, cacos de ordinário barro, num *tic-tic* impressionante.

Quero arredar o pé, e não posso. Mando levantar o braço, e êle cai-me num abandono de môrto. Clama a razão, na sua linguagem, para que a mão leve o lenço aos olhos, e ela jaz inerte, no fim do braço, pendido e bambaleante, como partido ranco de árvore que o vento agite ao sabôr do seu capricho!

E a minha sensibilidade, vibrando nervoticamente, implora-me que fuja de tanta lama, de tanta chuva, de tanta...

E não posso. E não posso.

Atempestade ruge; e, furiosamente, passa, por sobre a ter-

ra, como um possesso espumando ódios, cuspidando lâminas de fogo, espalhando nuvens pestíferas...

E lá vai ela a gritar como uma doida desgrenhada, blasfemando, ululando, esfusiando raios e coriscos, numa sanha indômita de destruição! Por vezes, parece sorrir, talvez — quem sabe! — por arte de piedoso olhar dalgum bebê em vésperas de ser orfão, que a mãesinha, ante a visão dolorosa dum provável naufrágio, tivesse levado no regaço macio para junto do oratório a implorar a graça de Deus para o seu paisinho, que, no cumprimento do dever, sulca as águas do mar...

E tanto assim é que agora se entretêm a ramalhar nas franjas elegantes dos eucaliptos, para, de seguida, passar uns momentos bonançosos, vergando sob a sua força hercúlea os pinheiros velhinhos que se lastimam, plangentemente. E ela, perdida de gôso, ébria de orgia, ri-se à gargalhada do sacrifício dos pinheiros que, se vão vergando, vergando sempre, até se unirem uns aos outros como que a pedirem o apoio do visinho, na sustentação da luta brutal que têm de manter com o poderoso elemento.

E os pobres pinheiros vergam, vergam mais, agarradinhos, muito unidos, uivando, uivando lugubrememente, num admirável concerto Luciferiano, — uivos que ecoam por sobre a terra aldeã como urros de tigre acoçado pela fome!

A misteriosa potestade parece, por vezes, aborrecer-se, como criança a quem o brinquedo já não satisfaz, e, então, num amuo imprevisito, desaparece a sibilar por entre os salgueiros e os choupos, para expandir melhor o seu espirito de vingança, no chão rico que se estende e alarga no fim do curso do Vouga. Com um êopro desfaz as «recoletas» dos criadores de gado, lança por terra as vedações das «tapadas», derrubando na sua vertiginosa passagem as barreiras e os poucos tapumes de estacas que encontra, arrancando à terra barrenta velhas cêpas de salgueiros já corroídas pelo roçar das devastadoras torrentes das cheias. Depois, queda-se, a rever-se na obra macabra que a sua férrea vontade produzira, e ordena à sua satânica orquestra que inicie o concerto...

Uma batuta invisível comanda milhares de executantes que, poisados nas núvens que revolteiam pelo espaço armado em câmara ardente, triste, lúgubre, onde mal se divisam tre-